

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 647
 Data: 24.01.84 Pg.: _____

Terras

Roraima, novo rumo do garimpo

RUDOLFO LAGO
 Enviado especial

Os garimpeiros estão redescobrimo o Território Federal de Roraima. Dos 23 milhões de hectares de Roraima, três milhões do Nordeste do Território, próximo à serra do Surucucus, são riquíssimos em ouro, diamante e cassiterita. De acordo com as primeiras estimativas do Departamento Nacional de Produção Mineral (CDNPM), é possível que esteja aí a maior reserva de ouro aluvial (encontrado em rios) do País. Somente em dois igarapés, os rios Azul e Branco, foi estimado um potencial de 15 mil toneladas de cassiterita, o que equivale a toda a produção de um ano em Ibitinga, maior reserva de cassiterita do País, explorada pela Companhia de Mineração Parapanema.

Para a Fundação Nacional do Índio (Funai) e para alguns grupos ligados à Igreja Católica ou a missões religiosas estrangeiras, porém, o Território de Roraima não é apenas rico em minerais. Ele também é rico em populações indígenas, o que torna a exploração de ouro ilegal e transforma Roraima num despovoado barril de pólvora, com uma densidade demográfica indígena de 0,16 habitantes por quilômetro quadrado, grande o suficiente para impedir a exploração econômica de grande parte do território, mas muito pequena ainda para garantir o povoamento e a guarda das fronteiras do País com a Venezuela e a Guiana. De todos os diversos garimpos do território, só existe um, Tepequem, próximo à capital, Boa Vista, fora de área pretendida pela Funai para formação de reserva indígena. Todo o potencial mineral restante não pode ser legalmente explorado.

Mas não é só com relação aos seus minérios que Roraima se resente de dificuldades na exploração. A verdade é que de toda a área do território sobra muito pouco para ser povoado e explorado. Nove milhões e setecentos mil hectares (42%) é área de propriedade da Funai para formação de reserva indígena. Três milhões e trezentos mil hectares (14%) é área reivindicada para reservas ecológicas, totalizando 13 milhões de hectares que não podem ser explorados por impedimento legal. Dos dez milhões de hectares que sobram, dois milhões são áreas inundáveis no baixo Rio Branco, 1,2 milhão de hectares são áreas isoladas entre reservas, que a Funai pretende anexar para garantir a "segurança dos índios". Existem ainda 400 mil hectares de área rochosa e montanhosa, imprópria para qualquer tipo de exploração, o que reduz a área livre disponível do Território de Roraima a 400 mil hectares, ou apenas 28% de sua área total.

Garimpeiros

Mas em Roraima há muito ouro. E onde há ouro, é muito difícil impedir a entrada de garimpeiros. Essa já será a terceira vez que garimpeiros se instalam na região do Surucucus, onde a Funai pretende a criação do parque nacional Ianomami. De acordo com o presidente da União das Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, o limite do garimpeiro é o encontro com tribos indígenas. Dessa forma, enquanto o contato com índios não acontece, o garimpeiro vai avançando mata adentro. Em 1973, pela primeira vez começou-se a explorar ouro na região. Era um grupo pequeno e logo foi expulso pela Polícia Federal, que interditou a exploração da área.

Nesse meio tempo, foi descoberto o garimpo de Serra Pelada, no Pará, e a formação aurífera da região do Surucucus esquecida. Em 81, porém, Serra Pelada já deixava de ser um garimpo rentável e cada vez mais se transformava no perigoso buraco que é hoje. Os garimpeiros voltam e elege o Furo de Santa Rosa, às margens do Rio Couto de Magalhães, na região de Surucucus, como a segunda Serra Pelada. Santa Rosa não era a segunda Serra Pelada e seu ouro logo se esgotou. Mas foi o suficiente para que em 85 os garimpos fossem fechados de novo e a Funai ampliasse a sua área pretendida a 110 quilômetros para oeste, do meridiano 63:30 para o meridiano 62. "Se amanhã acharem ouro no meio da praça Central de Boa Vista, no dia seguinte tem uma tribo de índio e um dia depois a Funai requisita a terra para fazer uma reserva", ironiza o piloto Roberto Fernando da Silva, que realiza vôos em pista de garimpos há 20 anos, e na ocasião da reentrada foi preso em Boa Vista junto com José Altino Machado por desobediência a autoridade e resistência à prisão.

As prisões e o fechamento das pistas de pouso de aviões nos garimpos não foram suficientes para desmotivar os garimpeiros. Esse foi o período mais perigoso de exploração no Surucucus. Com recelo de fiscalização federal, não eram abertas pistas de pouso. Os garimpeiros associavam-se aos pilotos, que se encarregavam de jogar em clareiras os gêneros de primeira necessidade necessários para a sua sobrevivência. Se o garimpeiro tivesse alguma doença, como a malária, comum na região, não teria a menor chance de sobrevivência, distante 15 dias ou mais de qualquer civilização. Somente em 87, são reabertas as pistas de pouso, quatro ao todo: Rio Novo, Apiáú, Cambalacho, Cruzado Novo e mais uma pista dentro de território indígena: Paapiu. De algumas dezenas de garimpeiros espalhados pela selva, as pistas e a tolerância do governo até o momento logo ampliam o número de garimpeiros para 50 mil.



Fotos Rudolfo Lago

No desespero para encontrar o ouro, os garimpeiros enfrentam doenças e exploração

Todos atrás do rastro do ouro

A situação faz com que hoje em Roraima se respire ouro em pó. Todos os hotéis estão lotados. Lojas especializadas na venda de artigos de garimpo se multiplicam. E a imensa população nômade que percorre a Amazônia em busca de riqueza, emigra de Alta Floresta, de Serra Pelada ou outros garimpos para a região.

Mesmo no garimpo mais novo, que se formou junto à pista do Cruzado Novo, uma curta área de pouso e decolagem de aviões, com apenas 180 metros de comprimento, já se percebe todo o universo que se costuma criar em torno do ouro. Para construí-la, Renato Brito Palma e João Alagoas andaram por 26 dias de Boa Vista até o local, distante cerca de 200 quilômetros. Juntos levaram 27 pessoas, que trabalhavam oito horas por dia por um grama de ouro (Cz\$ 2 mil) a cada dia de trabalho. Os dois investiram na obra sete quilos de ouro, o que torna natural que hoje tenham parado de garimpar e vivam de cobrar Cz\$ 10 mil por cada pouso efetuado na pista ou da participação no comércio do garimpo, custa uma lata de leite condensado e Cz\$ 400 e onde não se toma uma lata de refrigerante por menos de Cz\$ 600.

A essa pista, chegam em média 30 aviões por dia, cada qual trazendo um grupo de cinco garimpeiros. Para chegar lá, cada homem desse grupo pagou Cz\$ 20 mil para o dono da aeronave. O mais rico do grupo é dono dos equipamentos necessários para a exploração do ouro. Do que encontrar, ele vai ficar com 70%. Os outros garimpeiros, que o ajudarão a encontrar o ouro, dividirão os outros 30%. A simples presença numa área reconhecidamente rica não é garantia de se fazer fortuna. E preciso sorte, como teve o grupo de Amadeus Pereira Silva que, em três meses de trabalho, já tirou três quilos de ouro (Cz\$ 36 milhões). "Não quero sair daqui tão cedo", diz Amadeus, da gria dos garimpeiros, é chamado de "bamburrado".

"Nunca mais quero voltar aqui". Essa mesma frase, que contradiz totalmente o sentimento de Amadeus, também foi ouvida no mesmo lugar. João Pereira Lopes tinha chegado com seu filho há 60 dias no Cruzado Novo. Com apenas dez gramas de ou-

ro (Cz\$ 12 mil) e uma malária, João tentava na última quinta-feira uma carona em algum avião para Boa Vista, esperando que a boa vontade de algum piloto o tirasse dali, pois não havia dinheiro para pagar sua passagem de volta à civilização. João Pereira Lopes é o autêntico "blefado", ou aquele que levou azar e volta para casa mais doente e mais pobre do que quando chegou.

Índios

Os garimpeiros tentam evitar a presença dos índios e, de fato, na região onde se encontram as pistas, não existem tribos. As más condições das novas pistas, porém, que vêm quebrando uma média de três aviões por dia, fizeram com que os pilotos se lembrassem de uma comprida e plana pista construída na década de 60 pela Comissão de Aeroportos da Amazônia (Comara), à beira de um posto da Funai e de uma tribo Ianomani com cerca de 20 índios apenas. A qualidade da pista, porém, não diminui os riscos do pou-

so. Conhecendo o bom negócio que fazem os garimpeiros administrando suas pistas de pouso, o índio Iaduci, genro do Tuxauá (ou cacique) da tribo, também cobra o pouso na pista Paapiu. Segundo o próprio Iaduci, o pouso era cobrado antes pelo funcionário da Funai no posto, Orlando Teixeira. Quando o índio percebeu o bom negócio, passou a cobrar Cz\$ 5 mil para cada pouso e mais Cz\$ 5 mil para a decolagem. O problema é que, Iaduci não tem muita noção de dinheiro. Se o pagamento, em vez de ser feito com cinco notas de mil, for feito com dez notas de Quinhentos, é motivo suficiente para que Iaduci encha a pista de pedaços de madeira e galões de querosene impedindo o pouso. Sem combustível para retornar, os aviões se obrigam a um pouso forçado, muitas vezes, mais perigoso do que descer nas pistas dos garimpos.

Bandeirantes

Como presidente da União das Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal, o piloto de garimpos José Altino Machado é obrigado a percorrer todas as regiões de exploração de minérios da região. A defesa do direito da exploração dos recursos minerais da Amazônia já lhe valeu duas prisões. Para o garimpeiro, o fechamento das regiões de garimpo, com o alargamento das faixas de terra de pretensão da Funai surge como uma forma de controlar as riquezas, que ali se encontram. "Mas uma forma burra ou egoísta, para não se dizer outra coisa. Porque impede que esse potencial seja explorado. Está aí tantos recursos minerais e ao mesmo tempo o Brasil tem dificuldades de pagar sua dívida externa", diz Altino. Para ele, o incentivo ao garimpo, seria uma boa forma de se garantir o povoamento da região e a conquista das fronteiras do País. Altino tem um argumento histórico para isso: o trabalho dos bandeirantes. "Os bandeirantes eram garimpeiros; eles saíram por esse Brasil em busca de minérios. Em várias fronteiras do Brasil, elas acontecem justamente onde acabam as riquezas minerais. Será que isso terá sido por acaso?"



Estátua: uma homenagem

(Agência Estado/Boa Vista)